Batendo leque para se expressar

Antes símbolo de delicadeza, o acessório atravessa gerações e ganha espaço na cena ballroom, em festas, torcidas de futebol e manifestações políticas

POR GIOVANNA KUNZ



Leque do Brasil (R$ 87)



Leque trevo (R$ 49,90)



Leque onça (R$ 56)



Leque feito para o show da Lady Gaga em Copacabana (R$ 55)

Durante muito tempo, o leque foi associado à delicadeza, à elegância e à feminilidade. Nas mãos de mulheres da aristocracia europeia, ajudava a compor a aparência e fazia parte de códigos de comportamento. Em outros contextos, servia apenas para aliviar o calor. Séculos depois, ganhou novos significados e passou a ocupar espaços muito além de sua função original. Nas festas, nas apresentações artísticas, nas arquibancadas e nas manifestações políticas, abrir e bater um leque virou uma forma de se expressar.

A popularização recente do objeto no Brasil chama atenção pela diversidade de ambientes em que aparece. Antes mais ligado à cultura LGBTQIA+, especialmente às performances drag e à cena ballroom, hoje também está nas mãos de torcedores e manifestantes. Estampas, cores e sonoridade transformam o acessório em uma forma de identificação coletiva.

Para a antropóloga e professora da Universidade de Brasília (UnB) Debora Diniz, o significado de um objeto não depende só de sua origem ou de quem o criou. Ele muda conforme os usos e as relações estabelecidas pelas pessoas ao longo do tempo. "A verdade é que nenhum objeto nasce com um significado único. E, mesmo o seu criador ou a sua criadora, não consegue controlar os usos na história, nos grupos, nas comunidades. O leque tem uma história muito longa. Ele já foi associado à aristocracia nos países ocidentais; ainda é usado com uma estética muito particular em países como Japão e China; está relacionado à elegância feminina, a práticas culturais, à necessidade concreta com o calor... Onde você for na iconografia histórica tem um leque", explica.

O designer de moda Filipe Reis lembra que o leque existe há milhares de anos e foi usado por diferentes civilizações. De início, tinha função prática, mas com o tempo passou a representar também poder, riqueza e status social. Na Europa, sobretudo entre os séculos 17 e 19, tornou-se elemento ligado às mulheres da aristocracia e aos padrões de comportamento esperados delas.

A relação com a feminilidade, porém, não impediu novas interpretações. Na comunidade LGBTQIA+, o objeto passou a integrar um repertório de gestos, movimentos e performances. Entre pessoas drag e artistas da cena queer virou símbolo de liberdade.

Segundo Filipe, a cultura ballroom teve papel importante nesse processo. Criada principalmente por pessoas negras e latinas LGBTQIA+ em Nova York, a cena fez do leque um elemento de performance. As drag queens também contribuíram, usando o acessório para criar movimentos, poses e momentos de impacto. Na cultura pop, artistas como Madonna, Beyoncé e Lady Gaga levaram essa estética a públicos maiores. Filipe cita a música *Heated*, de Beyoncé, na Renaissance World Tour, em que os leques fazem parte da performance.

Também faz barulho

A relação com a música ajuda a explicar a permanência do leque em determinados espaços. Na cena ballroom, ele acompanha o corpo, marca ritmos e participa da construção das apresentações. É o que observa Lázuli Gabriel Macêdo, 22 anos, professora de dança. Ela conheceu o acessório em festivais e festas, primeiro como complemento do visual ou para se refrescar em meio à multidão. Com o tempo, a relação mudou. "É interessante pensar como um objeto que começou sendo um complemento estético acabou se tornando também uma ferramenta de expressão e interação com a música e com as pessoas ao meu redor."

Nas apresentações de Vogue, explica Lázuli, o leque funciona quase como instrumento de percussão. "Funciona como uma forma de expressão, às vezes utilizamos o leque para marcar finalizações de frases, destacar algum movimento, realçar traços da roupa ou da maquiagem e até criar momentos de impacto durante uma performance. Diria que existe um vocabulário bastante misto de situações em que utilizamos o leque", afirma.

Resistência

Ballroom é a cultura de resistência e acolhimento criada por pessoas LGBTQIAPN+ pretas e latinas em Nova York; vogue é a dança que nasceu nesses bailes, inspirada nas poses das modelos da revista Vogue.